

mo renovador². Esse fenômeno comporta não apenas uma análise sociológica, mas inclusive teológica e pastoral. O entusiasmo e a renovação de nossa Igreja está passando pelo lei-go pobre que cria um novo tipo de fraternidade, vivida desde a fé. Essa gente toma a consciência de que "a Igreja é nossa", mas a nossa Igreja não é apenas de sacristia, seminários ou casas paroquiais: ela existe dentro do mundo. Por isso a militância se faz em nome da Igreja, no coração do mundo. O sacerdócio comum dos fiéis habilita o cristão a apresentar ao Pai — a pleno direito — um culto novo, onde a oferta é o fruto do trabalho secular que luta pela dignificação do homem, reconstrói seu rosto desfigurado pelo pecado social e pessoal e se empenha na libertação desses filhos de Deus.

O dinamismo presente provém dos menos favorecidos, dos pobres.

O cristão pobre — na força do Espírito — está contribuindo para que a Igreja em SC se dinamize, fazendo com que ela se aproxime do homem e do Deus, que privilegia os simples e pequeninos, despreza os homens de coração soberbo e cospe todo aquele que é morno. A manifestação desse povo na Igreja — propiciada pelo Vaticano II, Medellín e Puebla — é uma riqueza que certamente poderá, inclusive, propor sugestões ao próximo Sínodo a se realizar no final de 87, em Roma.

Notas:

1 O quadro aqui apresentado não pretende esgotar a amplitude dessa consciência nova "ad extra" da Igreja catarina, muito menos tem a pretensão ufanista de dizer que avançamos tanto a ponto de querer ser "mestre em Israel". Ao teólogo cabe fazer a leitura desses sinais dos tempos subsidiando os irmãos na fé. Mas evidentemente compete ao bispo, de modo explícito, confirmar os carismas e incentivar a que o cristão se posicione maduro e autonomamente como construtor plurivalente dessa cidade secular.

2 Aqui não se pretende historiar o papel do cristão na vida interna da Igreja, pois isso é quase óbvio, mesmo em que pese o responsável controle do clero local e romano. Observe-se que na vida interna da Igreja há uma participação maior de grupos sociais mais favorecidos em SC.

Endereço do Autor: Casa Paroquial — Saco Grande II
Rod. Virgílio Várzea, s/n — 88 030 — Florianópolis — SC.

Pe. Helcion Ribeiro

A Igreja e a Conjuntura em Santa Catarina

A Igreja em Santa Catarina está envolvida pelas mudanças sociais que se tem vivido no Estado. E é fundamental ter

consciência desses fatos para que a reevangelização a ser trabalhada possa ser eficaz.

Sem dúvida nenhuma as transformações aqui ocorridas não estão desligadas de um contexto maior. Desse modo, no atual comportamento "catarina" repercutem a influência mundial e o avanço tecnológico, de novos padrões comportamentais de mudanças de mentalidade. Deve-se ter presente que a TV é a "educadora" de nossas atuais crianças, adolescentes e não poucos jovens, sejam eles do campo ou da cidade. Em termos latino-americanos, somos irmãos no processo do crescente empobrecimento e aumento de dependência do Atlântico Norte. Mas por outro lado a consciência de nossos problemas nos unem. Surgem criativas soluções "crioulas" e passamos a viver no Atlântico Sul novas expectativas. Na transformação brasileira, participamos também na mudança de comportamentos (ah, "santa" Globo, de quem esse Brasil sentimental depende), no modelo econômico capitalista, nas injunções multinacionais, na assimilação da ideologias alienígenas e alienantes, nas mudanças de pessoas nos postos políticos. No entanto há em SC alguns elementos que são significativos numa análise conjuntural.

1. — NOVOS FENÔMENOS CATARINAS

Elencamos alguns que particularmente chamam a atenção no processo de evangelização. Dois fenômenos históricos "catarinas" são aqui supostos como conhecidos do leitor: a) — o *ilhamento sócio-cultural do Estado* e b) — o *esquartejamento econômico a que estamos submetidos por diversas situações históricas ligadas ao Paraná e Rio Grande do Sul*.

Além desses fenômenos, nas últimas três décadas vem surgindo novas situações: a) — *mudança geográfica de habitação*: Propositadamente não usamos êxodo rural por compreender que — apesar de mais de 60% da nossa população morar nas cidades — *o homem catarinense é rural, isto é, tem mentalidade rural*. Foi morar na cidade, adquiriu novos comportamentos, mas fundamentalmente é rural, mesmo em se falando no mundo universitário. Daí a evangelização terá em conta um homem rural, deslocado de seu habitat, mas que conserva, no novo local de moradia, a antiga percepção do mundo;

Dois fenômenos históricos "catarinas" são aqui pressupostos: a) — o ilhamento sócio-cultural do estado e b) — o esquartejamento econômico a que estamos submetidos por diversas situações históricas ligadas ao Paraná e Rio Grande do Sul.

b) — A mulher é outro fenômeno importante. A mudança de comportamento nela é muito mais significativa que no homem. Ao mesmo tempo há um significativo deslocamento de seu papel social. Isto vai implicar profundamente no processo de catequese, que na prática era de seu domínio praticamente exclusivo, com uma conseqüente religião de senti-

mentos e com forte consolo na opressão;

c) — A criação das faculdades e universidades a partir da década de 60, tem trazido impressionantes contribuições no desenvolvimento do Estado. A escolarização a nível universitário, se por um lado tem promovido diversas dimensões da vida nossa direta ou indiretamente, por outro agudiza o problema da prática religiosa por parte de centenas de estudantes, no desinteresse religioso, até mesmo descaso e oposição. O universitário adquire novas perspectivas de vida, mas continua com mentalidade rural; no entanto em termos religiosos passa a ver sua fé como obscurantista, retrógrada e descartável. Tal fenômeno pode ser sentido difusamente também com estudantes do 2o. Grau, visto um crescente secularismo também nessa fase escolar. A Igreja necessita de homens e mulheres capazes de falar aos universitários e profissionais liberais com uma linguagem que eles possam perceber e vivenciar a mensagem de Jesus Cristo.

d) — **industrialização**: à medida que o agricultor passa a “acampar” na cidade, cresce a implantação de minindústrias, desde as agrícolas até as sofisticadas de computarização. É certo que há um surto de industrialismo no Estado. Mas, o homem catarinense ainda não se habituou a ser operário; está sendo em geral um trabalhador qualquer, sem perspectivas sindicais firmes. Enquanto os patrões têm progredido e empregado tecnologias sempre mais avançadas, os empregados — na grande maioria — não têm podido melhorar o nível da família. A praticamente inexistência de classes propicia enriquecimento de poucos e empobrecimento de muitos.

A Igreja necessita de homens e mulheres capazes de falar aos universitários e profissionais liberais com uma linguagem que eles possam perceber e vivenciar a mensagem de Jesus Cristo.

e) — A “japoneização catarinense” parece ser o novo modelo de desenvolvimento sócio-econômico que se quer efetivar no Estado nos próximos 13 anos, ou seja até o final do milênio. Passaremos da fase da “Suiça brasileira”, das “alemanzinhas de Blumenau” para o “Japão brasileiro”. As projeções para isso já vão longe. Talvez não tenhamos maiores informações por não refletirmos sobre as relações entre economia e fé. (A escala de revezamento do Vale do Itajaí teria algo a ver com isso?!) Convém recordar que o atual processo de desenvolvimento catarinense ou o chamado “modelo catarinense” foi programado na década de 60. — “Certamente a mão de Deus poderia estar agindo aí” — pensaram alguns que se lembram dos “teólogos do capitalismo”, patrocinados por Reagan, como Novak, Peter Berg, etc.). — Mas, a outra mão de Deus que está entregue aos evangelizadores para ser *instrumento de libertação do homem catarinense* que faz? Está parada no ar?! — *Se nossa Igreja esperar a entrada do milênio, provavelmente chegará atrasada* e o homem catarinense será o atual japonês tão cheio de outros deuses e seus valores. Os empresários catarinenses — mesmo que cristãos — não terão tempo

de vir dialogar conosco; eles estão acordados e têm pressa. . . A ordem de Deus aos homens para “cultivar a terra” implica que os cristãos de hoje olhem concretamente tudo isso, caso contrário profetas cansados e desanimados sentarão embaixo do mamoeiro com o profeta Jonas (cf. Jonas, 4,1 ss.)

f) — Os decantados **minifúndios catarinenses** já não indicam mais nossa “*situação paradisíaca*”. É necessário aí um realismo desmistificador por um lado, e por outro um perceber a crescente concentração de terras nas mãos de poucos e o aumento de latifúndios. Esses dois elementos expõem o sistema milhares de pequenos agricultores que vão engrossar os cinturões de pobreza, não apenas das nossas cidades maiores, mas também das pequenas cidades. O desenraizamento comunitário, a perda de identidade pessoal, a quebra de harmonização familiar, levam um questionamento profundo à vivência, à transmissão e sustentação da fé, da esperança e da caridade;

g) — Vergonhosamente, o empobrecimento vem tornando nossa vida “*catarina*” muito sofrida. Nossas cidades não crescem, mas incham com o aumento dos empobrecidos. Nossa gente vem apresentando sempre mais sintomas de enfraquecimento causados pelo aumento de doenças, fome e falta de moradia. Daqui deve-se erguer o grito “*Meu Deus, esse povo passa fome*”: a voz que combativamente clama é um protesto contra a miséria e contra os criadores da miséria. É uma denúncia a Deus, onde se lhe reafirma que nossos empobrecidos não podem ouvir falar dEle com o estômago vazio e o corpo doente. É uma denúncia contra os irmãos que estão se enriquecendo com a “*mais-valia*” dos operários e com as terras dos irmãos menores que se sentiram forçados a vendê-la por preço pouco. Mas por outro lado, há a tentativa de anúncio, ao reafirmar a confiança no Deus que ama os desvalidos.

A nossa igreja branca e estabelecida bem que poderia ser sincera e descobrir o rosto de Deus por aí sem precisar ser eco dos pobres de outros.

h) — Já se começa a descobrir em SC que *os mais pobres entre os pobres são os “caboclos”*. Eles são os “não-alemães”, os “não-italianos”, os “não-de-origem”, eles são os depreciados “*brasileiros*”. E estão dependurados nos morros da grande Florianópolis, de Blumenau ou amontoados nos cinturões da miséria das nossas pequenas e médias cidades. É certo que se Deus ouve os clamores do oprimido, SC ainda não está a ouvir os gemidos dessa gente que desde a “ocupação colonizadora” dos europeus foi sendo *expulsa para as periferias das vilas, distritos e cidade, ou mato a dentro*. Nossos caboclos não são absorvíveis pelo atual sistema econômico porque eles não tem o senso da posse privada, mas de *usufruto coletivo da terra*. Não se integram no sistema político porque eles têm uma *forma política fraternal peculiar*. Não se escolarizam do nosso jeito pois o mar, a cidade, a tecnologia e a história não falam de suas *vidas com outros valores*. Não se interessam pelas nossas missas e sacramentos porque a religião deles não precisa de sapatos, templos e rezas da Europa,

que não louvam a Deus com violas e palmas, com procissões e sentimentos. Nossos caboclos estão marginalizados em nossos sistemas de brancos e "cultos". Eles nunca empobreceram, mas sempre foram pobres. Desses "brasileiros" o que se tem são preconceitos grandes: "são vadios, não querem nada com nada". — Teria alguém já descoberto que eles têm uma cultura própria, assim como os brancos, os índios, os negros têm as suas? A nossa igreja branca e estabelecida bem que poderia ser sincera e descobrir o rosto de Deus por aí sem precisar ser eco dos pobres de outros teólogos, pastores e pastoralistas e de outras realidades tão candentes quanto essa. . .

2. — A VIDA QUE SE TRANSFORMOU

Há ainda outras transformações significativas na sociedade catarinense. Estas aqui foram propostas como estímulo à continuidade de reflexão. Contudo, é importante também esboçar algumas mudanças na própria Igreja. E sem dúvida o fato mais marcante das últimas décadas, a nível mundial, com reflexos aqui é o Concílio Vaticano II e suas inúmeras conseqüências. A nível latino-americano é importante recordar Puebla e Medellín com suas propostas e opção. A voz da CNBB ecoa forte na Igreja em SC. Mas o mais próprio nosso é a criação do Regional Sul IV — que na década de 70 foi a alma viva de nossa Igreja — a criação de Dioceses, aumento de Clero Diocesano e a diminuição de religiosos aqui estabelecidos, o impulso dos movimentos leigos — tipo cursilhos, que hoje começam a ceder lugar a outros tipos de trabalhos —, o investimento na formação de lideranças leigas — apesar de em geral ter sido em vista de trabalhos internos da faixa eclesial —, a vitalidade atual da Igreja está nos Grupos de Reflexão (também chamados de Grupos de Família ou CEBs); CPT; CPO; Pastoral da Saúde e Juventude. Há por toda a Igreja em SC uma ebulição grande no processo evangelizador e da vivência da fé, que vai em alguns lugares mais acentuadamente na dimensão espiritualizante e em outras mais na político-social. Uns se esforçam em amar a Deus e daí chegam ao irmão; outros preferem o encontro radical com o irmão para chegar a Deus. Os dois métodos são possíveis e ambos correm o risco do fixismo.

Esse método de evangelização está a caracterizar e individualizar nossas Igrejas particulares. Especialmente nessa década de 80, as Igrejas particulares — ou como normalmente se diz: as dioceses — vem assumindo um rosto próprio. Assim o Sínodo Diocesano marca profundamente a missão evangelizadora da Diocese de Tubarão. Ninguém pode deixar de vibrar com o rosto oestino da Igreja de Chapecó que se empenha profundamente no seu evangelizar "os mais lascados" (como eles lá chamam os seus pobres). Quem não tipificaria as outras dioceses percebendo, que na unidade da Igreja, elas se apresentam diversificadamente? Há poucos anos tal fato ainda não ocorria entre nós. Não poucos intelectuais querem enxergar em SC uma Europa transplantada, inclusive a Igreja. A mim parece isso uma leitura, além de superficial, já superada. Hoje há uma vida própria e nítida que nos marca e marca nossa espiritualidade, que sem dúvida tem influências europeias, mas já devidamente aculturadas.

Nesse aspecto a religiosidade catarina tem duas faces bem nítidas: uma de influência do Concílio de Trento, pas-

sando pelo que os historiadores chamam de período de romanização e pelas migrações dos séculos XIX e XX, até a renovação do Concílio Vaticano II; a outra — que está oprimida e reprimida, mas que alimenta boa porção do povo catarinense — advem diretamente dos séculos XVI e XVII, trazidas pelos portugueses açorianos e portugueses paulistas e caboclos.

A religiosidade catarina tem duas faces bem nítidas.

3. — UMA NOVA POSTURA

Se fundamentalmente a missão da Igreja é evangelizar, nós estamos chegando num período de necessária reevangelização e de catequese. Há situações desafiantes para a pastoral catarinense como um todo. E aí é necessário um novo anúncio explícito de Jesus Cristo (para uma posterior atividade catequética; que alguns dirão: concomitante) que incida profundamente na vida catarinense tornando-a mais justa e fraterna, onde as oportunidades sejam iguais, onde os direitos e deveres de todos passem pelo individual e pelo social, onde todos possam ser a imagem do Senhor Ressuscitado e não apenas do Senhor Crucificado.

É necessário um novo tempo de evangelização onde o assenhoramento da natureza, a fraternidade nossa e o sentimento de filiação de Deus, possam ser os constitutivos comunitários da vida nova que Jesus veio trazer ao fazer-se um de nós e um conosco.

A nova evangelização não há de incorrer em métodos alienígenos, válidos anteriormente, mas será feita a partir da análise conjuntural de nossa realidade, identificando profundamente a presença e as conseqüências do pecado e da graça; será feita a partir da conversão sincera a Deus e ao irmão, que se ilumina em Jesus, o Senhor da História. E finalmente ela será feita a partir do seguimento e missão do Senhor Jesus que nos adota para sermos efetiva e efetivamente seus irmãos e co-herdeiros. Se a solidariedade é uma das marcas da catarinidade, ela haverá de ser assumida de modo límpido e transparente, sem falso verniz. E o empenho comprometido dos homens e mulheres catarinenses será o instrumento missionário do Pai, do Filho e do Espírito para a postura de novas criaturas no Senhor.

Há situações desafiantes para a pastoral catarinense como um todo.